

Jornal da **FUNDEP**

JULHO/2011 • Nº 67 • ANO VIII

Imagem de parasitas do
gênero *leishmania*



CONHECIMENTO PARA A VIDA

**VOCAÇÃO MINEIRA PARA PESQUISAS SOBRE LEISHMANIOSE VAI
ALÉM DA DESCOBERTA DE PRODUTOS E TECNOLOGIAS.
MAIOR BENEFICIADA É A SOCIEDADE**

Assim como suas histórias, o crescimento da Fundep e da UFMG se encontram no mesmo caminho. A Fundação teve de se ampliar e aperfeiçoar para atender à expansão e ao desenvolvimento da Universidade e, dessa forma, participou de importantes processos e assistiu aos mais notórios momentos da instituição. Foi por meio dessa proximidade e simbiose que a Fundep esteve presente em relevantes projetos e pesquisas desde suas fases iniciais, passando pelas etapas de construção de novos conhecimentos e tecnologias, até descobertas e inovações que modificaram o saber de diferentes áreas.

Exemplo disso é a atuação da Fundação nos projetos da UFMG voltados para a pesquisa sobre leishmaniose. A Universidade é hoje referência nacional e internacional nos estudos da área, que envolvem desde trabalhos para compreensão do parasita, do mosquito vetor e da transmissão até descobertas de novos antígenos para um diagnóstico eficaz, a produção de vacinas e a sintetização de medicamentos para o tratamento da doença.

A vocação da UFMG para os estudos nessa área, abrangendo campos como a Parasitologia, Bioquímica e Imunologia, Fisiologia, Química, Farmácia etc., refletiu-se numa tradição, na Fundep, na gestão de tais competências. Nesse sentido, esta edição do *Jornal da Fundep*, destaca alguns dos focos da pesquisa sobre leishmaniose, hoje, na Universidade.

A publicação traz, também, as atividades desenvolvidas pelo Centro de Tecnologia em Saúde (Cetes), da Faculdade de Medicina da UFMG. O espaço dispõe de uma moderna infraestrutura que, com foco na educação e assistência, ajuda a promover a convergência entre tecnologia, serviços e pesquisa na área da Saúde.

Outra iniciativa que ganha espaço nesta edição é a participação da Universidade na Rede Nacional de Formação para a Inclusão Digital, que irá treinar jovens como monitores de telecentros em comunidades de baixa renda. A inclusão social por meio do esporte também é tema dessa publicação. Pela primeira vez, desde a reformulação em seu estatuto, a Fundep teve um projeto aprovado na Lei de Incentivo ao Esporte. Com os recursos que se espera captar, o "Ginástica na UFMG" prevê aquisição de equipamentos para a prática da ginástica artística e formação de profissionais qualificados para o treinamento de cerca de 250 crianças e jovens.

Para finalizar, o Festival de Inverno da UFMG ganha as páginas do nosso *Jornal*. Em 2011, o evento promove uma edição histórica e volta a ser realizado durante todo um mês, com atividades em cinco cidades mineiras. Em entrevista, o coordenador-geral da iniciativa, Fabrício Fernandino, conta como elegeu a radioplastia como mote da 43ª edição.

Boa leitura!



Equipamento de tomografia por emissão de pósitrons, capaz de realizar diagnósticos de alta precisão, foi importado pela Fundep

UFMG inaugura Centro de Imagem Molecular

O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Medicina Molecular inaugurou no dia 30 de maio o seu Centro de Imagem Molecular. Trata-se de um complexo de equipamentos que utiliza técnicas de Tomografia por Emissão de Pósitrons (PET/CT).

Instalado na Faculdade de Medicina, o equipamento permite a realização de exames de alta confiabilidade e o diagnóstico de doenças inflamatórias, infecciosas, neurodegenerativas e mentais, além de contribuir para o desenvolvimento de novos medicamentos. O Centro será pioneiro no país em usar a tecnologia preferencialmente para pesquisa de ponta, e não apenas para assistência.

O sistema de PET/CT foi importado por intermédio da Fundep e entregue em dezembro de 2010. Por se tratar de um aparelho sensível, o envio para o Brasil ocorreu em um único voo e, em solo nacional, o desembarque foi realizado em cinco dias, evitando o pagamento excessivo de taxa de armazenagem. Também houve um forte trabalho de logística para entrega do material, que pesa aproximadamente 12 toneladas e precisou ser dividido em diferentes caminhões para ser transportado até a Faculdade de Medicina. Como a circulação de veículos de grande porte é restrita na área hospitalar, foi necessária uma autorização especial da empresa de trânsito de Belo Horizonte.

Balanco anual

O Relatório Anual de Gestão 2010 da Fundep está pronto e em circulação. A peça, com os principais resultados do último ano, foi encaminhada a parceiros e pode ser conferida na íntegra no site da Fundep (www.fundep.ufmg.br).

A publicação traz os principais fatos do último ano e é um importante meio de prestação de contas, além de ser um mecanismo de relacionamento com outros órgãos e instituições e um instrumento que contribui no esforço da Fundep de garantir transparência a seu trabalho. Pela primeira vez, o relatório apresenta a contribuição da Fundação a outras instituições apoiadas (além da UFMG). As alterações estão alinhadas às diretrizes dos Ministérios da Educação e de Ciência e Tecnologia e o conteúdo também acompanha as orientações desses órgãos.

O projeto gráfico teve como inspiração os 35 anos de história da Fundep, que contribuem para a transformação de projetos em conhecimento. Toda a produção – gráfica e editorial – da peça foi interna.



Presidente da Fundep é "embaixador" da RSA no Brasil

O professor Marco Crocco tornou-se, em junho, representante da Regional Studies Association (RSA), organização internacional de vanguarda na discussão de questões políticas e na análise de assuntos regionais. Nos próximos três anos, ele fará parte da "Rede de Embaixadores" da organização internacional.

A rede, formada por um seleto grupo de especialistas, tem o objetivo de incentivar o intercâmbio de experiências e ideias, tornando-se um fórum interdisciplinar por manter um forte e influente conjunto de indivíduos e organizações. Nesse sentido, o prof. Crocco atuará para promover a RSA em eventos, em publicações e na sociedade; será referência para consultas; produzirá relatórios periódicos sobre questões regionais de desenvolvimento e da política e contribuirá para o trabalho de informação e promoção do escritório da associação. Conheça mais sobre a RSA no site www.regional-studies-assoc.ac.uk

CONVERGÊNCIA ENTRE SAÚDE E TECNOLOGIA

Com projetos gerenciados pela Fundep, Faculdade de Medicina da UFMG conta com um moderno centro de tecnologia que integra serviços e pesquisa

O monitor alerta para alterações intensas na frequência cardíaca. Sobre a mesa de cirurgia, o bebê dá sinais claros de cianose e arritmia. Com as vias aéreas obstruídas, o quadro evolui até que seja necessário intubá-lo. Esse cenário crítico poderia ser o de qualquer Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) pediátrico bem equipada, mas, na realidade, faz parte da rotina semanal na Faculdade de Medicina da UFMG.

Por meio de manequins semirrobotizados e diversos outros equipamentos de simulação, alunos de cursos de extensão, sempre sob os olhares atentos de médicos e professores, têm a oportunidade de vivenciar procedimentos típicos de um hospital.

Essa é apenas uma das atividades desenvolvidas pelo Centro de Tecnologia em Saúde (Cetes) da UFMG. Instalado no sexto andar da Faculdade, o espaço dispõe de uma moderna infraestrutura que, com foco na educação e assistência, ajuda a promover a convergência entre tecnologia, serviços e pesquisa na área da saúde.

Criado em 1996, o Cetes está envolvido em diversos projetos nacionais e internacionais e conta hoje, além do Laboratório de Simulação (LabSim), com um Centro de Informática e um moderno Núcleo de Telessaúde. O Ministério da Saúde apoia a iniciativa em vários de seus projetos, que também contam com gestão administrativo-financeira da Fundep.

Núcleo em Telessaúde

O sistema de segunda opinião é uma das principais contribuições do Cetes para o avanço da cobertura da saúde em Minas Gerais. Por meio de uma plataforma web de compartilhamento, a equipe do Núcleo em Telessaúde promove diariamente as chamadas teleconsultorias formativas.

Utilizando uma sala especial e em um auditório, médicos e estudantes — não só de Medicina, mas também de Enfermagem e Odontologia — participam a distância da análise de diagnósticos, acompanhamento de casos clínicos e videoconferências. Além de contribuir na formação de profissionais, todo esse trabalho é pensado para fortalecer a qualificação da atenção primária em Minas e aprimorar a educação permanente no serviço.

A Faculdade de Medicina é responsável por coordenar unidades de 50 municípios mineiros dentro do Projeto Nacional de Telessaúde. Já o Hospital das Clínicas (HC) da UFMG outros 50. Todos estão localizados em regiões de baixa renda e com barreiras geográficas, especialmente no Norte de Minas. São cerca de 2.500 teleconsultorias realizadas por ano.

Laboratório de Simulação

A tecnologia aliada à representação da saúde em formas diferenciadas também ganha espaço em outro braço do Cetes. Integrado à telessaúde, o Laboratório de Simulação (LabSim) conta com avançados manequins capazes de reproduzir com perfeição situações urgentes da rotina de um grande hospital. A infraestrutura serve de cenário para disciplinas de graduação e cursos de extensão, em parcerias com secretarias de saúde.

Em ação, os simuladores reproduzem a anatomia de adultos e crianças de várias idades, permitindo que os alunos pratiquem procedimentos cirúrgicos complexos como endoscopia, reanimação cardiorrespiratória e partos de condições adversas.

“Nosso foco é a capacitação de recursos huma-

nos: treinar os alunos da graduação e futuros profissionais, não só os de Medicina”, enfatiza a coordenadora do LabSim, professora Maria do Carmo Melo.

Ensino e pesquisa

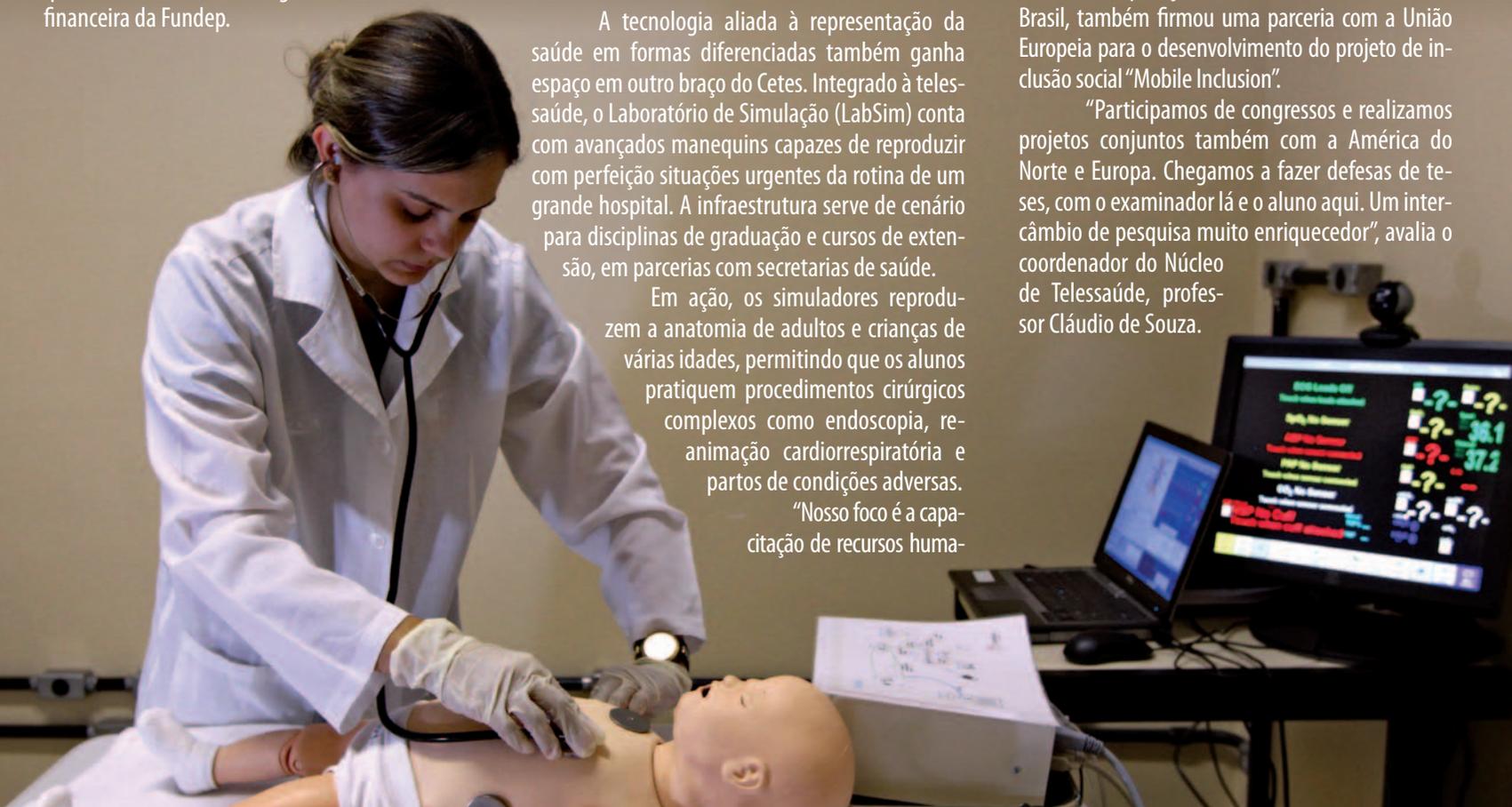
A pós-graduação não é a única iniciativa pedagógica do projeto. O centro também oferece cursos de extensão a distância.

Oferecidas a partir da plataforma Moodle, as aulas virtuais incorporam objetos de aprendizagem como gráficos e animações 3D, que são produzidos pela Equipe de Produção de Conteúdo e Pesquisa. Atualmente, a equipe está preparando um atlas virtual sobre uma nova técnica de estereoscopia.

Incentivar o intercâmbio de conhecimento também é uma das preocupações do Cetes. Desde 2009, o Laboratório de Excelência e Inovação edita a Revista Latino-Americana de Telessaúde. Diversos artigos já foram publicados nela e em outras revistas científicas nacionais e internacionais.

Entre os projetos internacionais estão os “Protocolos Regionais de Política Pública para Telessaúde”, apoiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e o programa “EUROSociAL”. Recentemente, o Cetes, juntamente com o Laboratório de Computação Científica da UFMG e a Nokia Brasil, também firmou uma parceria com a União Europeia para o desenvolvimento do projeto de inclusão social “Mobile Inclusion”.

“Participamos de congressos e realizamos projetos conjuntos também com a América do Norte e Europa. Chegamos a fazer defesas de teses, com o examinador lá e o aluno aqui. Um intercâmbio de pesquisa muito enriquecedor”, avalia o coordenador do Núcleo de Telessaúde, professor Cláudio de Souza.



TRADIÇÃO NA PESQUISA EM LEISHMANIOSE

Estudos da UFMG e Fiocruz em Minas Gerais se consolidam como referências nacionais e internacionais sobre a doença e abrangem trabalhos que vão desde a compreensão do parasita até a busca por vacinas e tratamentos eficazes

Pesquisa básica, que gera saberes utilizados na pesquisa aplicada, que se desdobra em tecnologias e resultados transferidos para a sociedade e o mercado, que investem no desenvolvimento de novos estudos. De forma resumida, essa pequena simplificação do ciclo da construção de conhecimentos ilustra o que vem acontecendo com as pesquisas sobre leishmaniose em Minas Gerais. Laboratórios da UFMG e do Centro de Pesquisas René Rachou (CPqRR), regional da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) no Estado, desenvolveram, ao longo das últimas décadas, uma tradição em trabalhos nessa área, em diferentes campos de investigação, e se tornaram referência nacional e internacional em temas relacionados à doença, seu parasita, vetores, hospedeiros,

processo de transmissão, assim como tecnologias para profilaxia, vacinas, diagnóstico e tratamentos.

Universidade integrada

Um dos espaços onde a pesquisa sobre leishmaniose ganha força na UFMG é o Departamento de Parasitologia, no Instituto de Ciências Biológicas (ICB). Nesse local, explica a professora Maria Norma Melo — uma das precursoras dos estudos na área —, os trabalhos tiveram início na década de 50, com os esforços empreendidos por pesquisadores como Amílcar Vianna Martins e Wilson Mayrink, com foco na epidemiologia, ou seja, os casos e formas clínicas da leishmaniose tegumentar (*Ver box*). “Ao longo do tempo, os interesses se ampliaram e foram incorporando contribuições de outras áreas e departamentos da Universidade, como da Bioquímica e a Biofísica.

Um dos trabalhos de destaque desenvolvidos no Departamento foi a padronização do Teste de Montenegro, que é um exame utilizado para o diagnóstico da leishmaniose tegumentar. “Antes, cada local ou grupo usava um antígeno diferente para detectar a doença, mas com a padronização — que foi repassada para a Fundação Ezequiel Dias (Funed) para aplicação em larga escala — será possível comparar resultados obtidos em diferentes lugares do país”, contextualiza.

Outra grande contribuição foi a vacina criada pelo grupo do professor Mayrink para a forma cutânea da doença em humanos e que foi liberada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) como uma alternativa terapêutica de apoio ao tratamento. “Hoje, a formulação não é utilizada como uma vacina propriamente dita, mas tem sido asso-

ciada à substância base do tratamento, o antimonial pentavalente. A combinação permite a redução das doses da substância, que é altamente tóxica e pode prejudicar a saúde de determinados indivíduos, como gestantes, diabéticos etc. Um grupo da cidade de Caratinga, no interior de Minas Gerais, tem sido tratado com a associação da vacina e Glucantime (Antimonial Pentavalente), e os resultados se mostram muito positivos”, conta a professora Maria Norma. Segundo a pesquisadora, a tecnologia também foi repassada à Funed e a intenção é que novos estudos sejam realizados para aperfeiçoar a vacina e permitir seu uso como uma medida preventiva à doença.

Interação que gera resultado

Entre os trabalhos sob a coordenação da professora, figura uma pesquisa sobre identificação e classificação do parasita do gênero *Leishmania*, utilizando metodologias da biologia celular e molecular. “São várias espécies, transmitidas por vetores específicos e que dão origem a formas clínicas distintas. É preciso, então, conhecer esses grupos, onde ocorrem, como variam e se há circulação dos protozoários entre os hospedeiros”, relata.

Atualmente, a principal preocupação da pesquisadora é a busca por um antígeno adequado para o diagnóstico da leishmaniose visceral canina. “Cerca de 60% dos cães são assintomáticos, e os testes utilizados hoje não são sensíveis ou específicos a ponto de indicar com certeza a presença de infecção. Por isso, muitos animais são sacrificados de forma equivocada. Melhorando o diagnóstico para o cachorro, os resultados repercutem para as pessoas”, detalha.

O QUE É LEISHMANIOSE?

É uma doença causada pelo parasita *Leishmania*, em expansão em várias regiões do Brasil, e oferece riscos à saúde humana em suas duas formas: a tegumentar (que causa lesões na pele e mucosas) e a visceral (que afeta diversos órgãos internos, como baço, rim, fígado e medula óssea). Sua transmissão se dá por meio de pequenos insetos, conhecidos como flebotomíneos, que picam cães e outros mamíferos infectados com o protozoário causador da infecção e os transmitem para as pessoas. Além de altas taxas de adoecimento causadas pela leishmaniose tegumentar, a forma visceral pode matar. Isso sem contar o problema para os cães, que muitas vezes têm de ser sacrificados por representarem riscos à população.

Outra linha de investigação tem como foco o desenvolvimento de medicamentos para o tratamento da enfermidade nos animais. “Temos trabalhado com a busca de drogas antimoniais capazes de tratar o cão infectado. Sendo ele o principal elo da cadeia epidemiológica das formas zoonóticas de leishmaniose visceral, a diminuição das ocorrências beneficia o quadro de infecção em humanos”, diz a professora Maria Norma. As pesquisas envolvem uma forte interação em rede. “A professora Cynthia Demicheli, do Departamento de Química, do Instituto de Ciências Exatas (Icex) da UFMG, sintetiza as drogas, enquanto o pesquisador do Departamento de Fisiologia e Biofísica do ICB Frédéric Frézard, junto a mim, dedica-se à investigação de novos procedimentos terapêuticos com os medicamentos disponíveis, com avaliação de eficácia, segurança e custo/efetividade. Nos dedicamos, ainda, a pesquisas que avaliem formulações de uso oral ou tópico, combinação de tratamentos, bem como estudos experimentais de novas formulações terapêuticas nanoestruturadas”.

O grupo, que reúne vários pesquisadores, desenvolve ainda pesquisas sobre a biologia e o comportamento do parasita e do vetor, sobre os fatores de risco da doença, a sorologia e trabalhos que constituem o que há de mais avançado sobre a doença.

UNIÃO DE FORÇAS CONTRA A LEISHMANIOSE

Uma das marcas dos estudos mineiros sobre leishmaniose é a interação entre áreas do conhecimento e instituições de pesquisa e a formação de redes de cooperação. Exemplo disso são os trabalhos desenvolvidos em parceria pelo Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB e pela Faculdade de Farmácia da UFMG com o CPqRR.

Segundo o professor Ricardo Tostes Gazzinelli, responsável pela ponte entre os núcleos de pesquisa envolvidos, o convênio permite a mobilidade dos pesquisadores entre as instituições e uma complementaridade de competências, de infraestrutura e instrumentos, que contribuem para o alcance de bons resultados. Docente da Universidade e pesquisador vinculado ao CPqRR, Gazzinelli chama atenção para a importância da continuidade dos trabalhos que vêm sendo empreendidos há 15 anos. “A pesquisa não é algo imediato, mas que requer investimentos a longo prazo, financiamento e colaboração para que resultados sejam alcançados em termos de geração de conhecimentos, desenvolvimento de produtos e tecnologias e formação de recursos humanos.

O grupo trabalha voltado para três questões fundamentais em relação à leishmaniose: vacina, diagnóstico e tratamento. A professora da Faculdade de Farmácia da UFMG Ana Paula Fernandes explica que a linha de trabalho busca aplicar conceitos básicos, como os referentes à biologia do parasita e à resposta do sistema imunológico à infecção, em pesquisas aplicadas voltadas para esses pilares. “Queremos melhorar as vacinas que se encontram disponíveis, a sensibilidade e a especificidade dos métodos diagnósticos e encontrar opções de fármacos que sejam menos tóxicos, de fácil adminis-

tração e eficazes no tratamento da doença. Acreditamos que, em conjunto, essas medidas podem ter um verdadeiro impacto sobre a epidemiologia e a situação atual da leishmaniose no país”, conta.

Combate ao agente invasor

Um dos diferenciais das pesquisas é o foco imunológico, ou seja, em estratégias de profilaxia, diagnóstico e tratamento com base no sistema imune do organismo, que reconhece e combate os agentes invasores. “É importante entender como a resposta imune à infecção acontece para que você possa intervir nesse componente, seja o induzindo a combater o parasita ou se apropriando da resposta imune específica para a identificação do protozoário causador da infecção e realização do diagnóstico”, explica Gazzinelli.

O professor aponta grandes vertentes dos trabalhos realizados hoje pelo grupo. O primeiro diz respeito aos estudos desenvolvidos do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Vacinas (INCT Vacinas). “Temos hoje, disponível no mercado, uma vacina contra leishmaniose visceral canina totalmente desenvolvida na Universidade, desde a expressão da proteína até a realização dos testes. A tecnologia foi transferida para uma empresa de vacinas veterinárias, a Hertape Calier, e o conhecimento produzido está disponível para a comunidade”, ressalta. O processo empreendido no desenvolvimento dos trabalhos é, atualmente, modelo de interação universidade-empresa e de inovação tecnológica em todo o Brasil. O próximo passo pretendido pelo grupo é o avanço para uma vacina humana. Nesse sentido, testes já foram conduzidos em macacos Rhesus, com resultados promissores.

A professora Ana Paula enfatiza que uma das estratégias para o desenvolvimento e aprimoramento de vacinas é a associação de antígenos. “Nesse sentido, o grupo participa do projeto Proteoma, apoiado pela Rede Mineira de Biomoléculas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), na qual tentamos descobrir novos antígenos imunogênicos”, afirma. Ainda nesse sentido, Gazzinelli aponta os investimentos para melhorar o veículo da vacina, ou seja, formulações contendo adjuvantes que possam potencializar a resposta do sistema imunológico.

Melhor identificar e tratar

Outra linha de ação, que envolve também a professora Héliada Andrade, do Departamento de Parasitologia da UFMG, busca identificar peptídeos ou polipeptídeos para o desenvolvimento de testes diagnósticos da leishmaniose, principalmente com relação ao cão infectado.

Finalizando o ciclo de combate à doença, as pesquisas tentam utilizar a associação entre drogas, ou entre essas e imunostimulatórios, contra a leishmaniose. As investigações buscam identificar novas modalidades de administração dos fármacos, como um gel ou pomada de uso tópico para lesões cutâneas. “Temos evidências de que essa combinação leva a uma eficácia aumentada. Além disso, pode minimizar o desenvolvimento de resistência por parte do parasita, diminuir o tempo de tratamento e disponibilizar uma alternativa menos tóxica e de administração mais simples e confortável para o paciente”, detalha Ana Paula. “Em parceria com o professor Lucas Ferreira, da Faculdade de Farmácia, conseguimos desenvolver uma formulação que deve avançar, em breve, para testes clínicos em humanos”, finaliza.

Parceria que viabiliza

A vocação para os estudos sobre leishmaniose na UFMG é reforçada por vários outros pesquisadores e linhas de estudo, além dos já citados. Um ponto em comum entre as abordagens se encontra no apoio recebido por agências de fomento e instituições nacionais e internacionais, que viabilizam financeiramente as iniciativas. Entre os vários parceiros se destacam a Fapemig e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Os projetos e grupos de pesquisa contam, ainda, com o apoio da Fundep na gestão administrativo-financeira das iniciativas. A Fundação é uma parceira de longa data e participou da construção dessa vocação científica desde os primeiros estudos. Entre os trabalhos desenvolvidos estão a importação de equipamentos de ponta, a aquisição de materiais para as investigações, a contratação de profissionais qualificados, o acompanhamento das despesas e gastos, a realização de pagamentos e a viabilização de demandas de diferentes ordens.

Interação entre áreas e pesquisas que cobrem o ciclo da doença são diferenciais dos estudos



Copyright Dennis Kunkel/Microscopy, Inc.



Victor Schwaneer/Agência Nitro



CONQUISTA INÉDITA

Lei de Incentivo ao Esporte contempla iniciativa da Universidade – “Ginástica na UFMG: um projeto para o futuro”

Em maio, a Fundep obteve, pela primeira vez, aprovação de uma iniciativa na Lei de Incentivo ao Esporte (Lei 11.438/06, regulamentada pelo Decreto 6.180/07). A norma estabelece benefícios fiscais para pessoas físicas ou jurídicas que estimulem o desenvolvimento do esporte nacional, por meio de patrocínio/doação para projetos desportivos e paradesportivos.

Parte de um processo minucioso, a inscrição foi realizada em um sistema online específico pela Gerência de Propostas da Fundep. A equipe contou com a contribuição de diversas áreas, como Assessoria Jurídica, Secretaria da Presidência e setor de Logística e Infraestrutura. “Além desse trabalho em conjunto, outro fator determinante para a aprovação foi a mudança do estatuto da Fundep que, a partir deste ano, prevê a gestão de projetos na área de esportes. Anteriormente, não recebemos a aprovação para outras iniciativas devido a essa questão”, explica a gerente de Propostas, Joice Soares.

Kelly Gomes Ferreira e Dayse Beatriz dos Santos, analistas de Propostas envolvidas no trabalho, chamam atenção para o rigor exigido pelo Ministério dos Esportes, especialmente no que diz respeito às regras do financiador e ao cumprimento das diligências no decorrer do processo.

O Sistema de Gestão da Informação (SGI) da Fundep – desenvolvido internamente para realizar a administração do conhecimento – foi uma ferramenta fundamental, pois nele estão mapeadas todas as exigências do financiador. “A inscrição do projeto foi bastante oportuna, pois estávamos rea-

lizando contato com o Ministério dos Esportes para alinhar regras e procedimentos referentes à lei e nos deparamos com um caso prático para solucionar dúvidas e estabelecer um ‘passo a passo’ mais refinado”, afirma Adriana Chateaubriand Monteiro, da Assessoria de Planejamento da Fundação.

Saltos que se tornam realidade

A iniciativa inscrita e aprovada na Lei de Incentivo ao Esporte é “Ginástica na UFMG: um projeto para o futuro”, coordenado pela professora Ivana Montandon Aleixo, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade.

Por meio do projeto, espera-se atender cerca de 250 crianças e adolescentes e dar continuidade ao trabalho que já é desenvolvido no curso de extensão da UFMG, que busca a inclusão de pessoas que não teriam acesso ao esporte em outras condições.

Os atletas que participam do projeto já tiveram bons resultados no último ano em competições estaduais nas categorias pré-infantil, infantil e juvenil. Desde o ano de 2001, o programa é cadastrado na Federação Mineira de Ginástica, possibilitando a participação da equipe nos campeonatos de iniciantes, escolares, regionais, nacionais e internacionais e colhendo importantes conquistas. Parte desse sucesso se deve aos investimentos da UFMG na capacitação técnica da equipe de professores e técnicos, na estrutura física disponibilizada pela EEFFTO e na dedicação dos atletas e de suas famílias.

Sob os cuidados da coordenadora do projeto, a captação de recursos da ordem de R\$ 1,02 milhão deve ser realizada até 30 de abril de 2012. Com os recursos captados pela Lei de Incentivo, o “Ginástica na UFMG” prevê aquisição de equipamentos para a prática da ginástica artística e formação de profissionais qualificados para o treinamento da equipe, beneficiando no futuro o Centro de Treinamento Esportivo da UFMG.

“Queremos implantar uma infraestrutura adequada para o esporte, sem nos esquecer da capacitação de recursos humanos para levar a iniciativa adiante”, afirma a professora Ivana Montandon Aleixo.

Em suas palavras, as Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016 e a Copa do Mundo de 2014 no Brasil são eventos que podem potencializar o investimento do setor privado. “Contudo, é muito importante que as empresas tenham consciência que a formação de um atleta de alto rendimento é um trabalho ininterrupto e que começa desde cedo, quando são ainda crianças. Não adianta concentrar esforços somente no período das competições”, ressalta.

FAÇA PARTE!

Os interessados em apoiar o projeto “Ginástica na UFMG: um projeto para o futuro” podem procurar a professora Ivana Montandon Aleixo pelo telefone (31) 3409-2314 ou pelo email ivana@eeffto.ufmg.br



MUNDO DIGITAL, TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Rede de Formação e UFMG promovem educação a distância para monitores em telecentros comunitários

Para o jovem Pedro Luís Rodrigues de Sousa, participar do Programa Telecentros.BR foi oportunidade para descobrir seu lado professor. Ele é um dos 140 monitores que estão sendo capacitados a distância por uma equipe multidisciplinar da UFMG como agentes de inclusão digital em comunidades de baixa renda.

Interessado por informática, Pedro encontrou na iniciativa um meio para compartilhar seus conhecimentos. “Antes mesmo de me inscrever, gostava bastante de navegar na internet e participar de redes sociais na *web*. Com o treinamento, percebi que poderia ir muito além da diversão e aprender novas formas de utilizar o computador, conhecer programas e sistemas. Além disso, posso ensinar moradores da comunidade que não têm acesso a saberes desse tipo”, afirma.

Em suas palavras, a TI funciona como um instrumento de inserção social. “Para alguns, esse conhecimento ajuda na hora de arrumar um novo emprego, além de ser um incentivo para as crianças saírem das ruas e se dedicarem aos estudos. Também é um estímulo para pessoas da terceira idade continuarem ativas.” Pedro atua em dois espaços de Belo Horizonte: no Centro de Referência à Pessoa Idosa (CRPI), no bairro Caiçara, e no Centro de Atendimento à Criança e ao Adolescente (Ciame), no Pindorama.

Qualificação

Sob a coordenação do professor Márcio Luiz Bunte de Carvalho, diretor do Laboratório

de Computação Científica (LCC) da UFMG, o Polo Sudeste da Rede Nacional de Formação para a Inclusão Digital irá treinar 3.600 monitores em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Durante um ano, os bolsistas devem dedicar duas horas diárias ao curso, além das outras quatro horas de trabalho.

O conteúdo da capacitação abrange seis eixos temáticos que incluem desde a ambientação do participante, seu papel como monitor do telecentro, possibilidades de uso desse espaço e experiências da inclusão digital até técnicas para conhecimento da comunidade. Outros pontos abordados são o histórico do programa e procedimentos de instalação e manutenção básica da infraestrutura, bem como o uso e desenvolvimento de *softwares* livres.

Também são analisadas as possibilidades de atuação e organização em rede, incluindo o acesso a serviços públicos. Ao final, espera-se que os jovens tenham desenvolvido a habilidade de usar as tecnologias da informação e comunicação como ferramentas para promover transformações sociais no ambiente em que estão inseridos.

“Após a primeira fase, denominada voo rasante, há uma etapa de aprofundamento desses conhecimentos, conforme o interesse e as necessidades do aluno. Como pré-requisito para conclusão do curso, é elaborado e compartilhado pelo monitor um projeto para envolver a comunidade e fazer com que o telecentro passe a fazer parte da vida dos moradores. Por isso, é fundamental que os monitores compreendam a realidade local e saibam mobilizar as pessoas”, explica Luciana Zenha Cordeiro, que coordena o Núcleo de Materiais Didáticos do Polo Sudeste.

Para seu plano de atuação, Pedro Luís vem registrando em um portfólio todo o trabalho desenvolvido nos centros, com detalhes sobre o que acontece em sala e até mesmo casos engraçados.

Interatividade

“A Rede Nacional de Formação utiliza o Moodle, mesma plataforma de ensino a distância adotada pela UFMG, o que nos permite replicar a experiência em âmbito interestadual. Trata-se de um *software* livre que viabiliza a criação de um ambiente virtual de aprendizagem, no qual é possível publicar conteúdos e construir espaços colaborativos e de compartilhamento, como fóruns, *wikis* e bancos de dados”, destaca o professor Márcio Bunte.

Cada grupo de 30 monitores conta com o acompanhamento de um tutor, especialmente formado para orientá-los pelo Moodle, email, bate-papo online, redes sociais e outras ferramentas de interatividade. A estrutura do Programa prevê, ainda, supervisores para dar suporte aos tutores, além de programadores e designers que integram a equipe tecnológica e pedagógica.

Em conjunto, os Ministérios do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), das Comunicações (MiniCom) e da Ciência e Tecnologia (MCT) são responsáveis pela coordenação-geral dos Telecentros.BR, que abrange o treinamento dos bolsistas e o fornecimento da infraestrutura dos espaços. Cabe à Fundep a gestão administrativo-financeira, incluindo o pagamento de pessoal. “Como os recursos são disponibilizados pelo Governo Federal, o trabalho de gerenciamento da Fundação é essencial para tonar a iniciativa viável”, avalia o coordenador.

De acordo com Bernardo Bráulio Santos de Lima, analista responsável pelo projeto na Fundep, uma das particularidades dessa iniciativa é o número de pessoas envolvidas. “Estudamos e definimos em conjunto o melhor modelo para as contratações, garantindo o alinhamento às exigências do financiador e às necessidades do projeto, bem como a agilidade do processo.”

ZONAS DE INTERFERÊNCIA

Festival de Inverno da UFMG terá edição histórica em 2011. Durante 31 dias, atividades terão cinco cidades mineiras como pano de fundo, integrando o saber artístico no Estado



Foto: Lisboa

Foi no Largo da Baiuca em Diamantina, cercado de varandas e casarões históricos, que a ideia veio como um estalo à cabeça de Fabrício Fernandino. Inspirado na Rádio UFMG Educativa, que vem conhecendo mais de perto ano a ano, o coordenador-geral do Festival de Inverno da Universidade elegeu a radioplastia como um dos motes da 43ª edição do evento.

A divisão por módulos é uma das novidades do Festival, que este ano também terá a Fundação Rodrigo Melo Franco de Andrade na gestão administrativo-financeira e será histórico. A partir de 8 de julho, pela primeira vez, cinco cidades mineiras abrigarão os mais de 50 cursos, oficinas e atividades artísticas: Tiradentes ("Existências não Reais"), Cataguases ("Avizinhamentos"), Diamantina ("Radioplastia"), Belo Horizonte e Brumadinho, em Inhotim ("Cidades: Arte, Cultura, Conhecimento"). Além disso, em 2011 o Festival volta a ter um mês de duração, após mais de quatro décadas, e, para completar, chega a 20 anos de parceria com a Fundep.

O *Jornal da Fundep* conversou com Fernandino, que aproveitou para reafirmar a vocação daquele que é um dos mais tradicionais acontecimentos da comunidade acadêmica brasileira: a transformação.

Jornal da Fundep: O que o público pode esperar do Festival de Inverno em 2011?

Fabrício Fernandino: O Festival de Inverno está passando por um grande processo de transformação. As atividades, que estavam acontecendo em cerca de dez dias, voltam a ter um mês, como na época da criação do Festival. Além disso, elas acontecem por módulos, em cinco cidades. Uma forma de estender o objetivo da UFMG na promoção do desenvolvimento em Minas Gerais.

Nossa ideia é fazer um evento itinerante durante seu período de realização. Ele começa em Tiradentes, com oficinas e aulas abertas, aproveitando o polo cultural da UFMG da cidade, em parceria com a Fundação Rodrigo Melo Franco de Andrade; passa por Cataguases, em projetos ligados a mídias multimodais contemporâneas; e depois chega a Diamantina, em seu formato-padrão, que envolve artes cênicas, visuais, audiovisuais, literárias e musicais. Por último, teremos BH e Brumadinho (Inhotim), com cursos mais teóricos, palestras e mesas-redondas.

JF: O que motivou o acréscimo de cidades?

FF: Foi a necessidade de transformação. Estava na hora de mudar. Quem sabe, para o Festival durar mais 50 anos. A cada 10 anos, naturalmente, as transformações acontecem. Os formatos vão ficando desgastados e nós passamos a perceber necessidades de ajustes e mudanças. Só que agora, em vez de reduzir, nós procuramos expandir, buscando novas fronteiras. Tem sido sempre assim, desde a época de outros coordenadores e equipes de pró-reitorias. O Festival possui esse espírito empreendedor, essa vontade de transformar. É como se fosse outra Universidade, uma maneira diferenciada de ensinar e fazer arte.

JF: Há novidades também em Diamantina, que há 11 anos vem recebendo o Festival?

FF: Diamantina já começa com novidade. Estamos incorporando a Universidade Federal dos Vales do

Jequitinhonha e Mucuri. A Pró-Reitoria de Extensão dessa instituição fica responsável pela área de projetos especiais. A partir de nossa orientação, tem total liberdade na concepção e na produção dos projetos, inseridos na realidade local. Com essa parceria, queremos ampliar condições para formação de pessoas capazes de desenvolver projetos culturais similares.

JF: Como surgiu a ideia da radioplastia como tema da cidade?

FF: A ideia surgiu numa tarde no Largo da Baiuca, em Diamantina, ao final do Festival do ano passado, quando sentei e comecei a escrever o projeto. Procurei pensar em algo relacionado ao rádio. Porque fiquei muito impressionado acompanhando a UFMG Educativa nos últimos festivais, vendo aquela moçada trabalhando com um *feeling* absurdo. Pensei: "Isso é Festival de Inverno". Esses estudantes e profissionais de rádio da Universidade fazem Festival de Inverno o tempo todo.

É interessantíssima a qualidade da inventividade que eles produzem, misturando, por exemplo, o lado teórico da arte com a apresentação de uma banda de rock de um aluno. Vendo tudo isso, pensei em trabalharmos o lado artístico da rádio, a sua potencial plasticidade, como ideal do Festival de Inverno.

JF: Há 20 anos a Fundep gerencia o Festival. Qual é a importância da fundação para o projeto?

FF: A Fundep é fundamental. Sem ela, o evento simplesmente não aconteceria. Diferentemente de outros projetos de pesquisa da Universidade, que acontecem somente se antes existir o recurso, o Festival tem que ser realizado todos os anos, e por isso precisamos captá-lo.

A Fundep garante a agilidade de que precisamos na formatação de projetos de captação e de leis de incentivos, nas compras, pagamentos, prestação de contas, sempre com idoneidade em todo o processo. Isso traz grande segurança e tranquilidade para quem produz o Festival.

EXPEDIENTE

Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa. Presidente do Conselho Curador: professor Sergio Costa. Presidente: professor Marco Crocco.

Jornalista responsável: Cristina Guimarães - MG09208JP. Redação: Heloísa Alvarenga, Jurandira Gonçalves e Leonardo Rodrigues.

Projeto editorial: Assessoria de Comunicação Social. Projeto gráfico: Rodrigo Guimarães. Diagramação: Marx Barroso. Capa: Copyright Dennis Kunkel Microscopy, Inc.

Revisão: Fátima Campos. Tiragem: 6.500 exemplares. Periodicidade: mensal. Distribuição dirigida e gratuita.

Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa - Fundep

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - Pampulha, Belo Horizonte - MG. Caixa Postal 856, CEP 30161-970.

Tel.: 55 31 3409-4200 - Fax: 55 31 3409-4253 - jornal@fundep.ufmg.br / www.fundep.ufmg.br

